

VILLA ROMANA DO RABAÇAL PENELA (COIMBRA-PORTUGAL)

Notas para o estudo da arquitectura e mosaicos

*Miguel Pessoa** (arqueologia), *José Luis Madeira* (desenho),
Delfim Ferreira (fotografia), *Antonio Costa Pinto* (fotografia)

A *Villa Romana do Rabaçal* é assim chamada pelo nome da actual povoação na ausência de qualquer testemunho epigráfico ou textual. Está situada a 12 Km a sul de *Conímbriga*, parte integrante do território desta *civitas* (ALARCÃO, 1988), junto da via romana que ligava *Olisipo* a *Bracara Augusta*, no actual Concelho de Penela, Distrito de Coimbra.

A *Villa Romana do Rabaçal* está implantada «numa meia encosta, com exposição privilegiada, entre uma cumeada com arvoredos e um riacho» em conformidade com as recomendações de Columela (*De re rustica*, I, 4-6).

Os trabalhos arqueológicos nesta *Villa Romana* tiveram início no ano de 1984 (PESSOA, PONTE, 1984) e continuam a decorrer.

A densidade de vestígios superficiais permitiu-nos delimitar a área da *villa* que ocupa, *grosso modo*, o espaço de um rectângulo alongado no sentido norte sul, com cerca de 40 metros de largura por 250 metros de comprimento.

A *pars urbana*, de peristilo central octogonal e construção adjacente em raios, ocupa todo o topo sul. A sua arquitectura e mosaicos revelam-nos algumas características pouco comuns (Desenho 1).

Da *pars rustica e frumentaria* conhecem-se alguns muros, pavimentos e canalizações. Esta área, separada da zona residencial por um valado, domina uma ligeira elevação de terreno a norte da *villa*.

Está em curso a efectivação dum programa de musealização desta estação arqueológica o que se traduzirá, certamente, em mais um factor de auto-afirmação e Desenvolvimento da População local.

* Arqueólogo, museólogo. Conservador do Museu Monográfico de Conímbriga.

ENTRADA DA VILLA

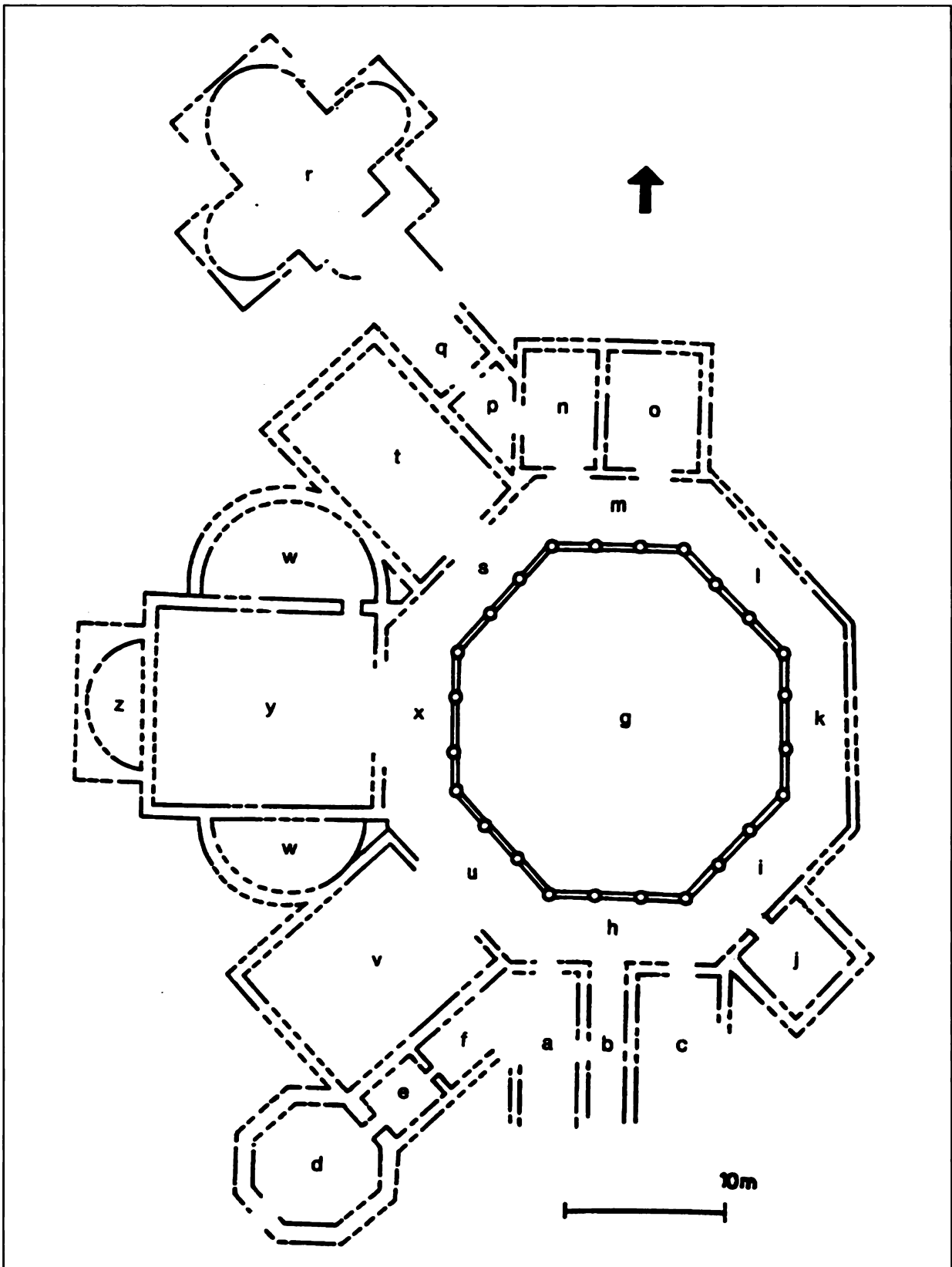
A via de *Olisipo* a *Bracara Augusta* localiza-se a nascente, na margem direita da ribeira do Caralio Seco (MANTAS, 1985), a pouco mais de mil metros da entrada nobre da *Villa urbana*.

Também a 40 metros a sul desta entrada estamos a iniciar a escavação de um compartimento quadrado com 11,5 metros de lado que poderá ter servido de divisória de apoio ou resguardo para guardar carros e cavalos em serviço de espera.

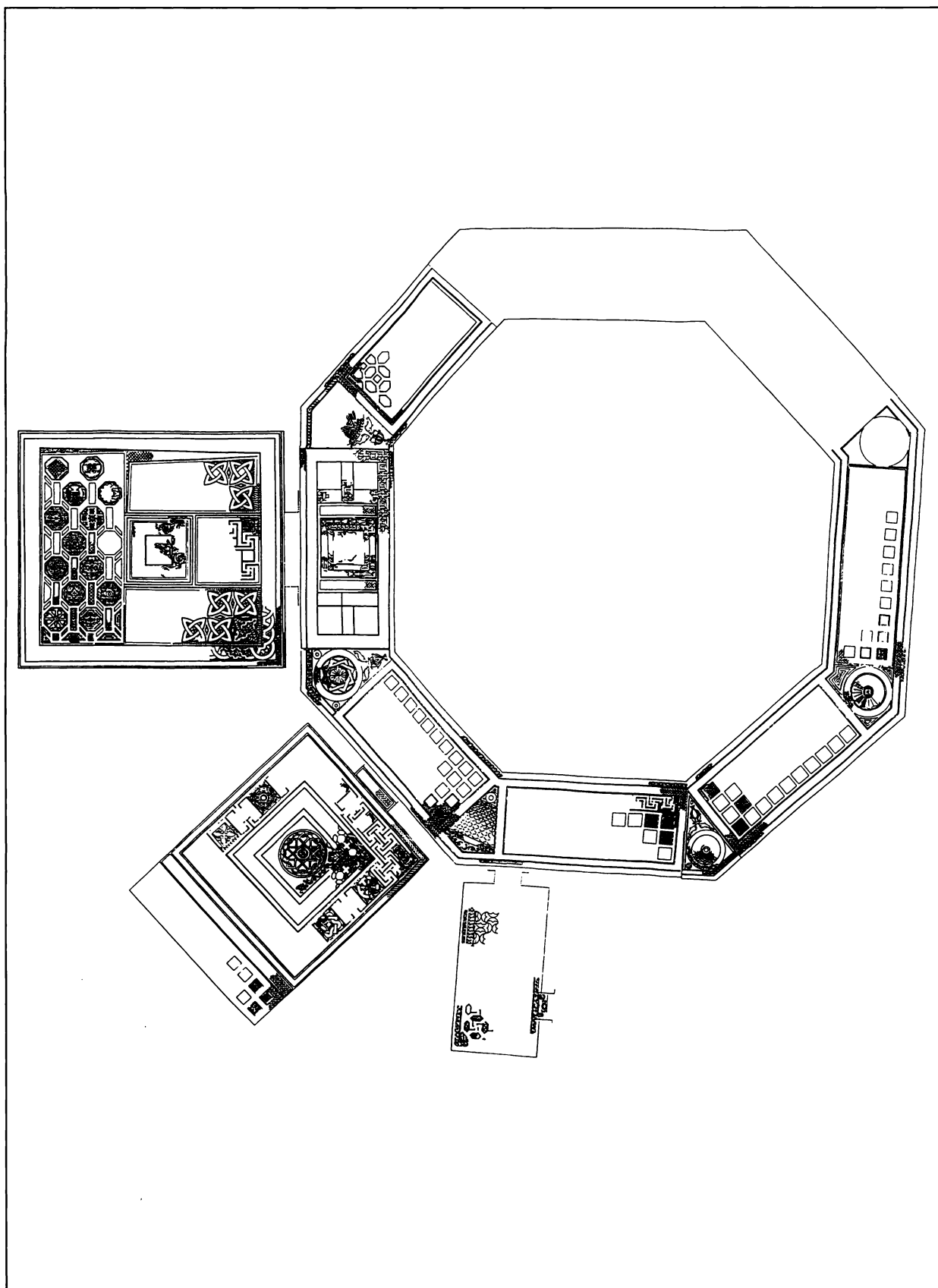
A construção da entrada propriamente dita reparte-se por três compartimentos: dois laterais (3,7 m x 6,6 m) e um corredor a meio (1,7 m x 6,6 m) em direcção ao centro do peristilo. (Desenho 2).

Do compartimento lateral esquerdo (a) é possível observar o que resta de um pavimento de mosaico policromo em *opus tessellatum* e composição geométrica. Apresenta cercadura com faixa de ogivas dentro de semicírculos tangentes e filete denticulado virado ao centro, em negro, sobre fundo branco. Uma trança de dois fios define uma composição de octógonos secantes e adjacentes que irradiam meandros de suásticas. A intercepção dos octógonos define hexágonos oblongos, ora com decoração de superfície de escamas de várias cores, ora com uma composição policroma de ondas limitadas por duas faixas de linhas paralelas, em posição oblíqua em relação aos dois lados maiores do hexágono.

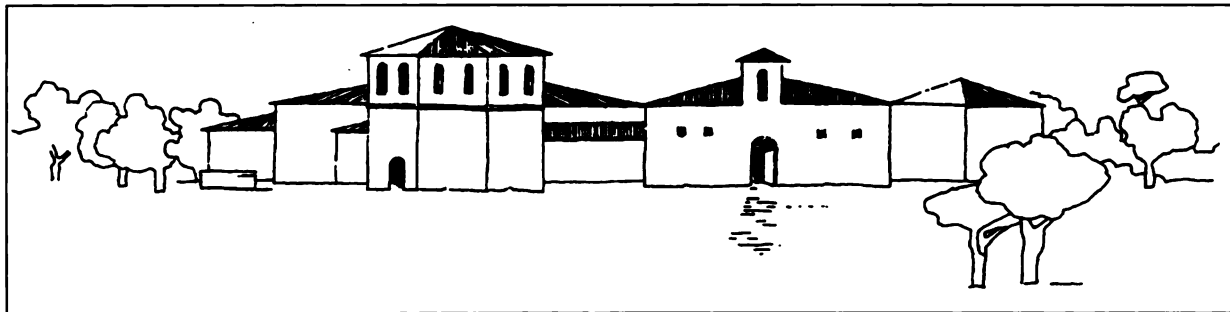
O acesso a esta sala, que devia servir de vestíbulo, far-se-ia por uma passagem com mosaico, a meio do corredor central da entrada (b) pavimentado com *opus signinum*. Apresenta uma composição policroma com losango e linhas sinusoidais entrelaçadas inscritos num rectângulo. Pequenas cruces decoram os espaços em branco. Triângu-



Desenho 1a. Planta esquemática da Villa Romana do Rabaçal (*pars urbana*) com hipóteses de circulação e funcionalidade a partir do peristilo central (g): sul, entrada, atendimento e torre de vigia (a, b, c, d, e, f, h); este, espaço de aproveitamento de luz e prolongamento visual sobre o horizonte (i, j, k, l); norte, área de ligação a serviços (m, n, o, p, q, r, s, t); oeste, quartos, *oecus* e *triclinium* (u, v, x, y, w, w', z).



Desenho 1b. Planta da *Villa Romana do Rabaçal* (pars urbana) com a representação do esquema de motivos conservados nos mosaicos.



Desenho 2. Perfil da fachada.

los isósceles com pedúnculo delimitam a composição.

O compartimento à direita da entrada (c) não apresenta qualquer tipo de pavimento devendo estar ligado possivelmente a funções de atendimento.

Existiria um segundo piso neste bloco da fachada?

TORRE DA FACHADA

Trata-se de um compartimento amplo de planta octogonal (9,6 m entre lados paralelos) e paredes largas sugerindo uma construção em altura (d) (figura 1).

Ocupa um espaço destacado a sul, para além da linha de entrada, em posição estratégica de observação. É um notável elemento arquitectónico.

Apresenta uma ligação ao exterior através de uma porta aberta, na parede sudoeste, do octógono e outra passagem interior, na parede nordeste, com comunicação aos dois compartimentos contíguos à esquerda da entrada (e, f) (figura 2).

PERISTILO

Ao entrar na *villa* o acesso, através do corredor da entrada, é directo ao peristilo central de pórtico octogonal. Este tem 16 metros de largura entre lados paralelos e apresentava 24 colunas das quais se conservam alguns fragmentos de fustes em mármore de Estremoz, socos correspondentes em calcário de Ançã, distantes uns dos outros 1,8 m e ligados por lancil paralelepípedo. Capitéis suportavam a arquitrave do telhado de alpendre dos corredores (g).

Não foi detectada qualquer estrutura relacionada com a existência de *impluvium* e embelezamento deste espaço a céu aberto o qual seria certamente ajardinado.

Muitos dos fragmentos recolhidos de cancela, em mármore, sugerem-nos ornamentações intercolunas ou arranjos de outras aberturas.

É, a partir deste centro nuclear interior, a céu aberto, que irradia a construção estrelada de oito raios a norte, sul, este, oeste, nordeste, noroeste, sudoeste, sudeste. Oito linhas de pórtico ligadas em ângulos de 135° cobrem oito corredores com painéis de mosaico rectangulares sobre o comprimento e composição circular nos cantos (3,5 m de largura x 8 m no comprimento interior e 6 m no exterior); a eles estão ligados os compartimentos contíguos de toda a construção (desenho 3).

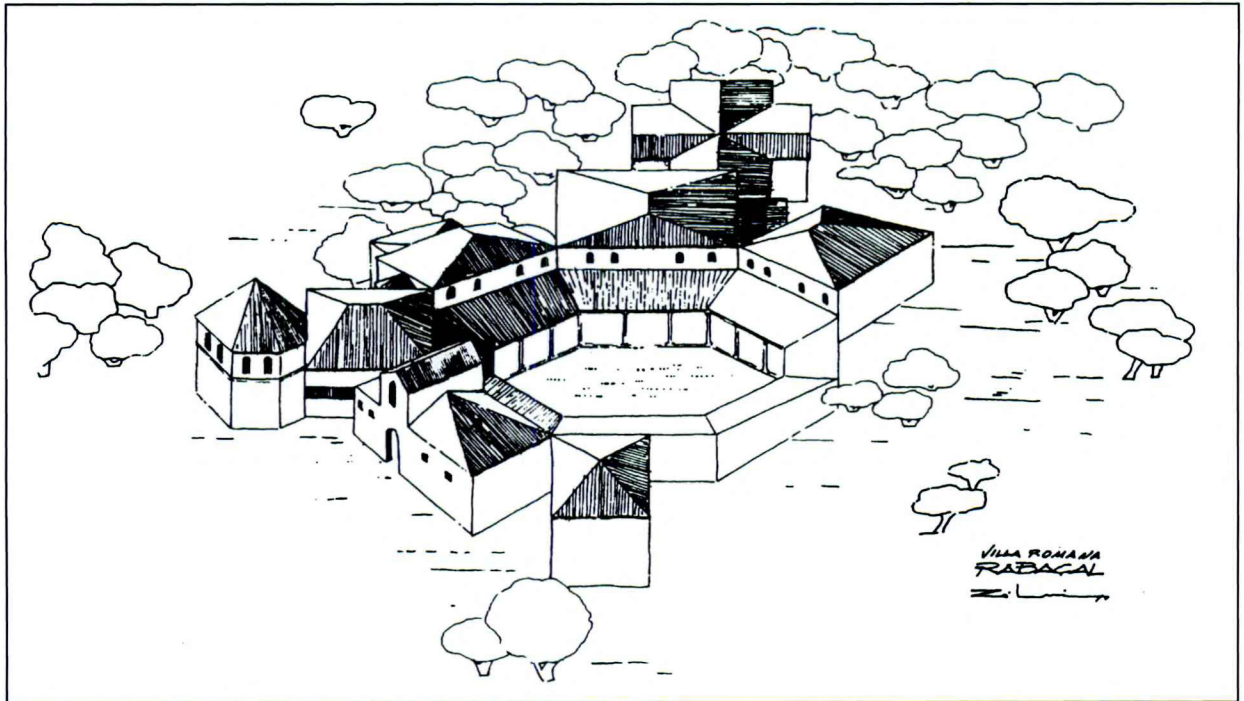
CORREDOR SUL DO PERISTILO

É o espaço imediatamente contíguo aos compartimentos da entrada da *villa* (h). Observemos o seu pavimento de mosaico em estados de conservação diferenciados.

Uma faixa de pedra negra formando arcos de duas ogivas, dentro de semicírculos tangentes também a negro (igual à cercadura do mosaico do vestibulo), seguida de uma trança de quatro fios de várias cores, constitui a cercadura de remate que decora todo o perímetro, tanto exterior como interior, dos pavimentos dos corredores do peristilo, excepção feita para o corredor em ligação com o triclinio.

O painel rectangular no comprimento do corredor apresenta uma larga faixa com meandros de suásticas em corda policroma de dois fios seguida de uma composição em quadrícula (séries de três quadrados a partir de cordas perpendiculares policromas de dois fios). O interior dos quadrados é preenchido com trama policroma de cinco fios, tudo sobre fundo branco.

O canto sul sudeste apresenta um pavimento de mosaico policromo num losango de lados desiguais; sob fundo branco observa-se uma folha de



Desenho 3. Perspectiva. Vista geral sudeste noroeste.

hera, um cântaro e dois golfinhos afrontados. No grande círculo que ocupa a maior superfície do painel que preenche este canto distinguem-se três espaços distintos definidos por círculos concêntricos. O primeiro é decorado com ondas e pares de folhas de fusil. Segue-se-lhe uma grande rodela com escamas e o círculo interior é decorado com uma trança de dois fios e dois círculos concêntricos no meio.

As paredes do interior dos corredores eram revestidas com placas de mármore. Algumas fazem parte de um rodapé (altura 67,5 cm, largura 48,5 cm, espessura 3,5 cm), com friso em baixo relevo, de filas de quadrados e hexágonos oblongos com 18 tipos de desenho conhecidos. Era aplicado gesso de pasta negra ou vermelha nesta decoração em baixo relevo a fim de realçar o seu desenho (figura 11).

A estes desenhos ligam-se as formas geométricas dos painéis dos mosaicos as quais estariam porventura repetidas também na decoração dos tectos.

CORREDOR SUDESTE E SALA CONTIGUA

O pavimento do corredor sudeste (i) apresenta também um mosaico de composição policroma em quadrícula (séries de quatro quadrados) defini-

da por tranças de dois fios sobre fundo branco. A trama do interior dos quadrados é de cinco fios (figura 3).

O canto este/sudeste foi decorado com um medalhão circular tangente às faixas limítrofes. É definido exteriormente por uma corda policroma de três fios. Segue-se um filete denticulado. Surge depois uma estrela de 16 pontas a partir duma circunferência de 32 raios.

Estes raios limitam faces alternadamente claras e escuras dando a sensação de relevo. No centro vemos uma roda denticulada e nó de Salomão.

Na parede interior deste corredor abre-se uma passagem para uma pequena sala (j) com pavimento de *opus signinum* (4 m x 4 m).

CORREDOR ESTE

Conserva-se *in situ* parte do lancil em calcário de Ançã e um soco de coluna do mesmo material (os restantes três pedestais recuperados estavam fora do local).

O mosaico deste corredor (k) apresenta uma composição em quadrícula (séries de três quadrados) definida por faixas perpendiculares de trança policroma de quatro fios. Os quadrados são decorados com trama de cinco fios. Existem restauros antigos com recurso a tesselas de cerâmica.

A decoração do mosaico do canto este nordeste é igual à do canto anterior este sudeste mas o seu estado de conservação é precário.

Uma pequena estrutura semelhante a um degrau, parapeito ou nicho, em calcário de Ançã, sobre a parede interior, sugere-nos que se trata de uma passagem, parapeito, larário ou nicho de estátua.

CORREDOR NORTE E COMPARTIMENTOS CONTIGUOS

Não foi detectado qualquer vestígio da construção do corredor nordeste (l) por este se encontrar destruído mesmo à superfície do terreno. No entanto o paralelismo da decoração dos corredores sudeste (i) e sudoeste (u) onde foi repetida a mesma composição indica-nos que igual simetria seria repetida nos corredores nordeste (l) e noroeste (s) do peristilo cujo painel observaremos mais adiante.

Apesar do pavimento do corredor norte (m) ter desaparecido na totalidade percebe-se a sua ligação a dois compartimentos contíguos (n, o) que ocupam todo o seu comprimento (3,7 x 5,7 m e 6,4 x 5,7 m). Dois cubículos (p, q) em ligação à esquerda e a construção contígua (comprimento

12,2 m largura 9,8 m) a noroeste, de planta cruciforme (r), não foram ainda totalmente escavados.

Serviria o corredor norte do peristilo (m) como acesso a espaços de trabalho dos serviços com ligação à cozinha, dispensa e balneário. Aqui localizámos uma construção cruciforme (r) onde nos faltam elementos identificadores do seu uso? Tratar-se-á de um triclinio de ar livre, de uma basílica paleocristã ou de uma construção inacabada? O aparecimento de tubaria fechada de encaixe sugere-nos uma cobertura em abóbada. Dois muros e uma canalização nas traseiras, a norte, indicam-nos que a construção continua nesta direcção.

A necrópole da *villa* estará situada nesta área?

CORREDOR NOROESTE E SALA CONTIGUA

O pavimento de mosaico, desaparecido em grande parte neste corredor (s), apresenta uma corda polícroma de dois fios que define uma composição de octógonos adjacentes ou secantes determinando quadrados decorados com nó de Salomão flanqueados de hexágonos oblongos e preenchidos com filetes denticulados virados para o interior. Observam-se restauros sem rigor estético.

A grande sala contígua (t) ocupa o espaço de 9



Figura 1. Vista geral. Torre octogonal em primeiro plano.



Figura 2. Torre octogonal.

x 6,9 metros e não revelou qualquer tipo de pavimento ou função.

CORREDOR SUDOESTE E *OECUS*

Ao descrevermos a entrada da *villa* localizámos o primeiro corredor sul (h) do peristilo (g) e iniciámos um percurso pela direita.

Voltemo-nos agora desse ponto inicial para a esquerda. Encontraremos aqui o mosaico do canto sul/sudoeste. Apresenta uma decoração em que se destaca, em fundo branco, um grande losango de lados desiguais com dois pequenos círculos concêntricos na ponta, em tons rosa, amarelo e cinzento a que se segue uma faixa de ondas e pares de folhas em fusil. O trapézio seguinte ocupa grande parte desta superfície e está preenchido com escamas em crescente nos tons comuns de rosa, cinzento e amarelo. É limitado por outro friso de ondas e pares de folhas em fusil. Na extremidade interior observa-se ainda um triângulo isósceles muito aberto e decorado com um largo enrolamento vegetal.

O painel seguinte, no comprimento do corredor (u), repete a composição em quadrícula do mosaico do corredor sudeste.

A sala contígua (v) que identificamos como *oecus* (9 x 6,9 m), foi pavimentada em toda a superfície com um mosaico profusamente decorado. O seu estado de conservação é muito precário pois a dezena de sepulturas posteriormente aqui instaladas no século XVI destruíram-no em grande parte (PESSOA, 1991). Conservou-se uma delas, como exemplo, a meio da sala, em estado original.

Observa-se, a partir da entrada, um encadea-

mento de tranças de dois fios formando um desenho de suásticas alternadas com rectângulos preenchidos com tramas, escudos em pelta com volutas e nós de Salomão.

Trata-se de um campo composto de três painéis embutidos centrados. Ao fundo da sala, num plano ligeiramente elevado (6 cm) pavimento unitário com degrau. A policromia apresenta a mesma variedade dos restantes pavimentos de mosaico da *villa*.

O painel exterior, à entrada, é composto por um encadeamento de tranças de dois fios formando desenho de suásticas alternadas com rectângulos preenchidos com tramas, escudos peltas com volutas e nó de Salomão. Lateralmente o desenho desenvolve-se com quadrados decorados com círculos, arcos, nós, flores de lótus, folhas de fusil e linhas de espinha.

Segue-se-lhe o painel que ocupa a superfície intermédia. Inicia com uma cercadura de linha em ressalto e uma faixa de octógonos e quadrados numa profusa decoração, dando a ilusão de relevo, onde nós de Salomão, quadrilóbalos, cruces entrelaçadas, cruzetas, florzinhas e asnas sobrepostas preenchem figuras geométricas subjacentes.

A superfície central apresenta um largo círculo circunscrito num rectângulo. Dentro do círculo uma estrela irregular de oito pontas envolvida por uma faixa ondeada. Um cântaro em cada canto está ligado ao seguinte, boca a boca, por uma fita ondulada tipo “centopeia”.

Ao fundo, em ligeiro patamar, vemos uma composição em quadrícula definida por trança polícroma de 4 fios envolvendo tabuleiros quadrados decorados, ora com trama de esteira, ora com asnas sobrepostas.



Figura 3. Mosaico do corredor sudeste do peristilo. Pormenor do canto sudeste sul.



Figura 4. Mosaico do canto noroeste oeste do corredor do peristilo.

CORREDOR OESTE

Este corredor (x) apresenta o pavimento de mosaico polícromo que reúne a mais diversificada decoração geométrica, vegetalista e figurativa da villa.

Os topos deste painel rectangular são decorados nos cantos sudoeste oeste e oeste noroeste com um losango de braços desiguais onde se inscreve, em fundo branco, um medalhão circular com estrela de oito pontas definida pela intercepção de dois quadrados entrelaçados desenhados com trança polícroma de dois fios. O octógono interior apresenta uma pequena circunferência a partir da qual saem 16 raios em forma de triângulo isósceles de base circular, no meio dos quais, um filete limita duas faces com cores diferentes criando a sensação de relevo. Ao fundo do círculo temos um cântaro e dois golfinhos frente a frente em tons de cinzento com bico, barbatanas e ponta de rabo em tons rosa. No canto superior destaca-se um nó de Salomão em tons de rosa e vermelho sob fundo escuro (figura 4).

Painéis decorativos

A faixa limite de cercadura exterior do painel rectangular de pavimento de mosaico deste corredor passou a linha polícroma de ogivas imbricadas; a trança interior a presente composição de escamas biconvexas com uma sequência de cores que desenha grandes escamas definidas pelos conjuntos cromáticos das mais pequenas (figura 5).

A quadrícula que desenha todo o esquema de posicionamento dos painéis figurativos é definida por oito linhas de faixas paralelas e perpendiculares com um meandro de suásticas de volta invertida e quadrados, tudo em perspectiva sobre fundo negro. Um filete de pedra branca e faces ora azul claro, ora escuro, ora amarelo, ora cinzento claro, ora rosa escuro, ora claro, ora rosa muito claro, ora verde, dão a sensação de profundidade e movimento através da variação de posição da sombra. Apresenta vários restauros com tesselas de cerâmica.

Dois painéis separadores ladeiam, no sentido da largura do corredor, o quadro dos cavalos e respectivas cercaduras. Trata-se duma faixa polícroma de encordoado de quatro fios formando, dois deles, uma cadeia de quadrados laçados nos outros dois vértices por um fio contínuo a cada lado. Têm o efeito de uma pilastra ou candelabro separador como acontece entre os painéis parietais. Orga-

nizam a composição central do corredor, no sentido da largura, como intervalo na disposição dominante das figuras das estações do ano, em sentido sul norte, no comprimento do corredor.

Quadros das estações

As duas figuras femininas (bustos) do topo sul do corredor estão executadas em *opus vermiculatum* com tesselas de cor amarelo claro, escuro, azul claro, rosa escuro, claro e muito claro em calcário do Dogger, cinzento claro em calcário do Lias e pasta de vidro nos adornos pessoais. A densidade é de 260 tesseras por dm² enquanto no geral não ultrapassa as 150. Ocupam, cada uma, um quadrado com 52 cm de lado.

A primeira figura à esquerda, desenhada a 3/4, olha à direita e representa a estação do Outono identificado pela presença de um cacho de uvas, com folhas de videira e gavinhas, à esquerda. O rosto pequeno de olhos grandes, exibindo penteado alto cobrindo a testa, nariz curto, madeixa sobre a face e pequena trança caída dobrada com travessão dum lado e outro da cabeça, tem um ar juvenil e olhar luminoso. Veste túnica e a *stola* cobre-lhe os ombros. Exibe fita e diadema no cabelo, colar ao pescoço e gargantilha de pendentess sobre a orla da túnica drapeada. À direita apresenta cesta de entrançado com folhas de acanto (figura 6).

O caixilho deste quadro mostra duas molduras. A exterior é composta por uma faixa de S's afon-tados dispostos de topo a topo com terminações de peltas e florzitas; os cantos apresentam quadrados com cruzetas terminadas por triângulos sobre fundo vermelho. A moldura interior apresenta um friso de três arcos de ferradura concêntricos separados por flores de lotus simplificadas, com base direita, transmitindo a sensação de relevo.

A segunda figura à direita representa a estação do Verão. Olha à direita e está também desenhada a 3/4. O rosto oval e a carnação exuberante da cara e pescoço, braço direito desnudo e peito apertado acima da cintura transmitem alguma sensualidade e calor próprio do Estio. Penteado de longas madeixas que correm dum lado e outro da cabeça escondem os brincos e quase tocam nos ombros. Uma ponta de cabelo toca o lado esquerdo do rosto com graciosidade. O diadema corre paralelo à frente e ramifica-se cobrindo o risco do penteado a meio da cabeça. Do pescoço pende um colar e o braço direito é adornado com duas braçeteles. Sobre o ombro direito uma fíbula anelar adorna a



Figura 5. Mosaico do corredor oeste de acesso ao triclinio. Bustos das estações e painel da quadriga.

túnica finamente drapeada e cintada, em baixo, deixando perceber a delicadeza da cintura. Sobre o ombro esquerdo cai-lhe a *stola* com orla ornamentada. Da cornucópia, suspensa sobre o braço e ombro esquerdo sobressaem dois frutos carnudos por cima dos quais se observa uma folha larga a que parecem estar ligadas duas espigas de cereal deitadas. À direita da figura temos uma série de cálices em enrolamentos vegetais.

O caixilho envolvente apresenta uma moldura interior decorada com friso de pérolas, separadas por três piruetas a rosa e negro, sobre fundo amarelo. A moldura exterior, em tons cinzas ondeados, transmite a sensação de relevo. É composta por três arcos de ferradura concêntricos separados por flores de lótus simplificadas com bases direitas: os ângulos são cortados a meio com um filete decorado com hastes simétricas.

As duas figuras femininas do corpo norte do corredor representam as estações da Primavera e do Inverno. Apresentam características de execução técnica, dimensões, policromia e densidade semelhantes às anteriores.

A primeira, à esquerda, volta-se à direita a 3/4. Veste túnica de mangas e sobre os ombros apresenta um manto com faixa decorada de riscas simples. O rosto é comprido. As grandes pupilas com a íris pronunciada e as sombras carregadas dos olhos revelam uma certa contenção e um olhar forte num rosto que quase ri. Apesar das lacunas, onde desapareceu parte da cabeça, testa, pescoço e ombro direito, percebe-se ainda que o cabelo apresentava um penteado alto com madeixas que terminariam, em ponta, junto ao ombro. Um diadema, com restauro antigo feito sem rigor, apertaria o cabelo no alto da cabeça. Está ornada também com brincos e colar. À direita apresenta duas flores (quadrifólios) e no cimo do mesmo ramo três botões assinalam a Primavera. À esquerda exhibe fita de grinalda. O caixilho apresenta molduras

praticamente iguais às do quadro da figura do Verão.

À direita deparamo-nos com a figura do Inverno voltada à esquerda, com pinha de alcachofra à esquerda e arvorezita à direita. A fase comestível daquela espécie (*cynara sp.*) decorre nesta estação. Veste túnica de farto drapeado e dimensões que sugerem um tronco largo. O mesmo acontece com a roupa interior do pescoço e com as faixas que correm sobre os ombros, decoradas com quatro linhas paralelas que limitam fitas de pequenos triângulos. Da cabeça destaca-se o cabelo ondeado que cobre parte da testa e cai em madeixas para um e outro lado até aos ombros. Uma ponta toca a face direita com graciosidade. Um largo diadema envolve todo o alto da cabeça. O nariz é comprido e a boca pequena. Dos olhos, apertados em bico, destacam-se as pupilas onde a íris, bem acentuada, provoca um olhar cintilante. Das orelhas pendem brincos e sobre o pescoço tem um colar e dois fios. O caixilho apresenta as mesmas molduras do quadro do Outono (figura 7).

Quadro dos cavalos

Este painel rectangular encontra-se a meio do corredor (x) em frente da entrada para o triclinio (y) e a cena está voltada para o jardim do peristilo (g). Trata-se de um pavimento destruído intencionalmente em época antiga com o intuito de transpor para outro suporte a cena de força, destreza e movimento do auriga vitorioso conduzindo a quadriga. Observa-se ainda, a partir de um filete denticulado, à direita, sob fundo branco, em *opus vermiculatum*, a cabeça de um cavalo, voltado à esquerda em escorso, com rédeas e outros arreios, cinta no dorso com campainhas e pata dianteira levantada em esforço. Por baixo da pata sombreado em forma de folha de fusil temos a marca da



Figura 6. Pormenor do mosaico do Outono.

linha de terra. À esquerda, e virada para esse lado, temos outra cabeça de cavalo com freio, outros arreios, cinta no dorso com campainha e pata dianteira levantada para o movimento. Por baixo, temos um sombreado semelhante a lenços atados aos cascos. O resto da cena (mais dois cavalos, carro e auriga vitorioso) não chegou aos nossos dias.

Atente-se agora nas duas molduras do caixilho que, em painéis embutidos e centrados, envolvem toda a composição.

A moldura interior apresenta uma faixa de consolas em perspectiva conseguida pelo jogo de gradações de rosa, cinza e amarelo. As faces de topo das consolas são decoradas com um quadrado denteado de tesselas negras que aumentam a perspectiva. Esta linha de sólidos como que suspende o painel dos cavalos.

A moldura exterior, mais elaborada, sofreu restauros antigos sem qualquer rigor estético. Sob fundo negro, e usando apenas o branco, gradações de verde e amarelo, desenham-se cântaros, taças, cálices com efeitos de transparência de vidro, tudo ligado e alternado com folhas de lótus, fios, laços e folhas de acanto de perfil. Tratar-se-á de uma remissão para os prémios (taças, cálices de vidro), ramos e laços da comemoração de vitória no circo?

TRICLINIO

Esta é a sala (y) com as maiores dimensões de toda a *villa urbana* (10 m x 9,2 m). Daí a identificarmos com o triclinio (figura 8).

Do pavimento de mosaico destacamos a cercadura geral de enquadramento com um meandro de suástica a preto sob fundo branco e uma linha de grandes ogivas em semicírculos entrecruzados e contínuos mantendo as mesmas cores em cadeia: negro, rosa velho e rosa claro, negro, amarelo torrado e amarelo claro.

O campo do pavimento está organizado numa forma unitária em 5 painéis de superfícies justapostas em variante de U/T.

Dois painéis laterais rectangulares, dispostos de um lado e outro, no sentido do comprimento da sala, apresentam cada um 12 nós de Salomão fusetados (quatro linhas cruzadas) profusamente decorados com linhas em ressaltado, quadrados, asnas sobrepostas, losangos, rectângulos, paralelogramas oblongos, filetes denticulados e volutas a negro, amarelo torrado ou claro, cinzento claro ou escuro, rosa velho ou rosa claro sob fundo branco.

O painel da direita apresenta na sua linha de fundo e à direita faixas de compensação para alinhamento em esquadria. A primeira é decorada com friso de triângulos curvilíneos e a segunda, mais larga, com escamas sobrepostas.

Ambos os painéis encostam ao painel unitário que limita todo o comprimento do fundo da sala. Apresenta uma decoração policroma em fundo branco de octógonos irregulares flanqueados por rectângulos, paralelogramas, trapézios e triângulos. Uma fina trança policroma de dois fios envolve todos os elementos da composição assinalando assim as suas linhas directrizes. Os interiores das figuras geométricas são decorados com tramas de quatro fios, filetes lisos ou denteados, triângulos circunscritos, tabuleiros quadrados, cruces, laços de oito voltas entrelaçados num quadrado, flor de oito pétalas trífidas, cálices com volutas, estrela de dois quadrados, círculos e quadrados de ondas denteadas, laços entrelaçados em cruz de trança circunscrita numa circunferência e roda de armação. No limite direito do painel uma faixa policroma, terminando em bico, decorada com asnas sobrepostas, corrige a falta de esquadria da composição.

Entre os dois painéis laterais e o do fundo da sala ficou definido outro a meio, também rectangular, em frente da entrada. Foi subdividido em dois quadrados. O primeiro encosta à cercadura junto à entrada e apresenta uma quadrícula definida por um meandro de seis suásticas com trança policroma de dois fios, linha de cruzetas e seis quadrados preenchidos por esteira policroma de cinco fios.

Ao centro da sala observa-se, em destaque, o quinto painel. Apesar de muito danificado em época antiga (lacunas de desgaste, restauros e cortes intencionais) e moderna (raízes de oliveira) revela-nos decoração geométrica em *opus tessellatum* e vegetalista ou figurativa, muito elaborada, em *opus vermiculatum*. Uma fina moldura composta por uma linha de frestas, consolas policromas em perspectiva e linha de triângulos isósceles, limita exteriormente toda a composição. Segue-se-lhe uma larga faixa com doze enrolamentos vegetais onde em quatro deles, nos cantos, se abriam bustos femininos, tudo sobre fundo negro.

Apenas se conserva parte de dois enrolamentos de canto com figura e dois laterais terminados por florão. Trata-se de um enrolamento de folhagem de acanto com as folhas de perfil, cálices de onde saem hastes, ora finas e curtas, ora espessas e sinusóidais, terminando ao centro com florão de oito pétalas. Para além da variedade de cores das tesse-



Figura 7. Pormenor do mosaico do Inverno. Quadrado interior: 52 x 52 cm.



Figura 8. Mosaico do triclinio. Pormenor do painel central com cercadura de ramagens e figura feminina sentada.

las de calcário comuns nos mosaicos da *villa* é notável a profusão do emprego de vidro em azul celeste acinzentado, azul arrocheado, azul sulfato, amarelo palha, verde claro seco, verde mar claro, verde mar escuro e verde azulado nas folhagens, florões e bustos. Destes conserva-se apenas a parte esquerda da cabeça e peito da figura feminina no canto superior direito desta cercadura, representada a 3/4 na linha da diagonal do quadrado, voltada para o centro, com cabelo atado em chinó, no cimo da cabeça, túnica e gargantilha de pérolas ou rosetas. A figura do canto inferior direito, da qual se conserva apenas a parte esquerda da cabeça e ponta da túnica do ombro direito está em idêntica posição. Trata-se de um rosto feminino com um penteado de madeixas em dobras laterais e subido com diadema no alto da cabeça. À esquerda temos uma ponta de gargantilha. Do busto do canto inferior esquerdo conservam-se apenas algumas tesselas do que parece ser a gargantilha e túnica desta figura. O busto do canto superior esquerdo desapareceu na totalidade. A técnica de execução destas figuras denota o uso duma maior «paleta» de cores e um tratamento anatómico de faces, olhos e nariz com acentuado realismo e volume lembrando uma pintura. Estes bustos representam alegorias, figuras mitológicas, retratos de familiares ou são meramente decorativos?

Atente-se agora no painel central separado do anterior por um filete com uma fiada de tesselas brancas, duas rosa e uma negra. Sob fundo branco, com imbricado de escamas, temos uma personagem feminina, de que se conserva apenas uma pequena parte do tronco, braço esquerdo e pés, sentada numa cadeira (*cathedra*) com assento forrado a azul sulfato e pés sobre estrado, em posição de 3/4 voltada à esquerda. Segura na mão esquerda um ramo de folhas (com espiga e flor na ponta) e veste túnica comprida até aos pés com manga, em tons cinza claro, debroada e drapeada a azul sulfato. A *stola* em tons rosa escuro, claro e muito claro, assenta sobre a túnica e é apertada na cinta com um cordão laranja. Uma faixa cai sobre o ventre e o calcanhar direito. No estrado, rectangular, que, como a cadeira e ramo, é representado a amarelo claro e amarelo torrado, sobressai o pé esquerdo de frente, o pé direito de perfil e o sombreado verde palha. À direita vemos o sombreado da cadeira. No topo do tampo da cadeira algumas tesselas claras envolvidas por outras amarelas lembram a ponta de um laço ou embutido do móvel. A cabeça da figura e a representação suspensa da mão direita foram cortadas intencionalmente em época antiga. Estamos perante uma alegoria, figu-

ra mitológica ou representação da proprietária? A mão direita exibiria o cesto com as premissas do ano?

Decoração parietal

As paredes desta sala, ombreiras de portas e ninfeu seriam forradas a mármore de Estremoz Vila Viçosa como se pode constatar *in situ*, na construção, e pelas inúmeras placas e molduras provenientes da escavação (figura 9). Foi possível individualizar desde já, por motivos e molduras, mais de uma dezena de painéis em baixo relevo, os quais, separados por faixas verticais de candelabros, decorariam as *orthostatae* acima do rodapé. Para além dos motivos geométricos dos corredores encontramos no triclinio temas vegetalistas e representações arquitetónicas (figura 10 e 11).

Uma cornija com consolas de folha de acanto e caixotões com flor a meio «suspenderia» o tecto sobre as paredes ligando-o às portas e abóbada do ninfeu absidiado (z) (figura 13).

Ábsides e ninfeu

À direita e à esquerda deste triclinio (y) as passagens para as duas salas absidadas contíguas (w, w'), de apoio ao serviço ou ao sistema de iluminação deste salão, foram também revestidas a mármore. O pavimento de argamassa e terra batida do seu interior e o emparedamento destas portas, após execução do projecto inicial, testemunham o seu não acabamento (figura 12).

O mesmo não aconteceu com a sala absidada do fundo (z). Trata-se de um ninfeu, aberto ao triclinio, com a parede interior circular forrada a mármore. A um nível ligeiramente superior ao do pavimento do triclinio uma bacia em forma de triângulo isósceles, decorada a meio com cinco canaletas de *opus signinum*, convergindo ao fundo da abside no vértice do triângulo, deveria servir de fonte ou base de estufa. Deste lastro para água à parede circular existia um espaço decorado com mosaico de que apenas se conservou um motivo de trança policroma.

Este ninfeu poderia ser decorado com flores, fonte e estátuas.

CONSIDERAÇÕES

O modelo de planta de peristilo central da *Villa*



Figura 9. Fragmento de painel de revestimento das paredes do triclinio. Mármore.

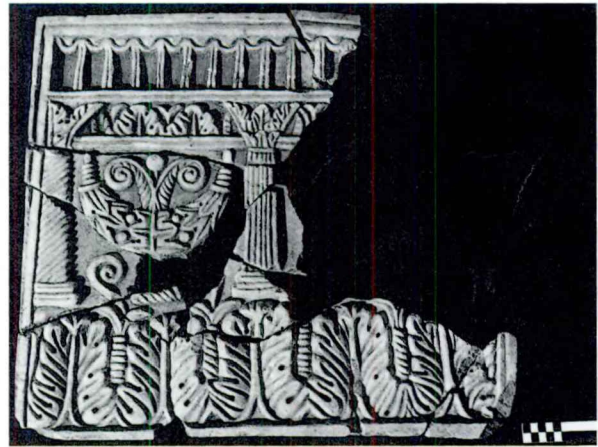


Figura 10. Painel do triclinio com representação arquitectural. Mármore.

Romana do Rabaçal mantém distinta orientação da entrada, *oecus* e *triclinium*. Este peristilo octogonal apresenta uma composição de raios na qual as diferentes peças são ligadas entre si pelo corredor do pórtico envolvente. À sua volta estão definidas quatro áreas funcionais; entrada, atendimento e torre de vigia a sul; espaço de aproveitamento de luz e prolongamento visual sobre o horizonte a nascente; área de ligação a serviços a norte; quartos, *oecus* e *triclinium* a poente.

Estamos perante uma evolução de modelos regionais ou antes face à inspiração de modelos helenísticos importados? Este distancionamento que se produz em relação à entrada da casa é habitual na *villa* tardia.

As *villae* com torres de fachada são conhecidas por exemplo no Algarve, Sul de Espanha e Norte de África.

A construção em raios é também conhecida no sul de Portugal (Villa de Abicada – Algarve) e em

Espanha (Villa de Ramalete – Navarra e Valdetorres de Jarama – Castela) no século IV.

O peristilo octogonal presente na *Villa* de Rabaçal está orientado segundo os rumos da bússula. Racionalismo e beleza estão também patentes na decoração dos pavimentos de mosaico e dos painéis parietais de mármore, em baixo relevo, e cornija em calcário reflectindo as diferenças entre espaços nobres de passagem (entrada e acessos a sudeste, este, nordeste, norte, nordeste e sudoeste) e espaços nobres de recepção e aparato (corredor oeste, *oecus* e *triclinium*). Predomina a composição geométrica nos corredores após a entrada. Segue-se uma série de painéis com motivos e figuras cujo efeito é cinemático. Figuras das estações do ano, auriga vencedor, personagem feminina sentada (figura mitológica ou representação da proprietária?), bustos inseridos em ramagens, enrolamentos e cercaduras em perspectiva levam o espectador a girar à volta porque os novos ângulos proporcionam sempre novas perspectivas.

Inspirado pela beleza serena das figuras ou pela energia impaciente do auriga o proprietário, perante um reportório «passadista», acumulava a imagem de senhor, filósofo e esteta entoando um canto de cisne da cultura clássica num mundo onde os cristãos eram cada vez mais cultural e politicamente influentes. Acompanhado pela família observaria as estações do ano, as produções agrícolas, os terrenos da propriedade e actividades mercantis sugeridas pelos cântaros e golfinhos. A quadriga vitoriosa no circo pode evocar, para além do triunfo em si, o carro solar, a que não será estranha a identificação do imperador com Sol Invictus personificado em cavaleiro vitorioso.

Tratar-se-á da presença de cultos de uma devoção particular ou pública local ou regional?



Figura 11. Placas de revestimento dos corredores. Mármore.

O relatório geométrico com acentuada policromia predomina no conjunto de mosaicos desta *villa*. As semelhanças e variantes são observáveis na área romanizada do Algarve, Alentejo, zona litoral entre Tejo e Vouga, área da capital da província (Mérida) e mesmo na Tarraconense.

No entanto os temas figurativos, sobressaindo de painéis sobrepostos decorados com motivos arquitectónicos em profundidade, ramagens e motivos de extensão, sem esquema geométrico subjacente mas com uma simples simetria de conjunto, dão lugar a modulações infinitas no detalhe sobre fundo negro, sobressaindo em perspectiva e movimento.

Os «acantos dourados» têm afinidades, por exemplo, com trabalhos do Norte de África, Síria e também Emeritenses. Os bustos, que poderão representar alegorias, figuras mitológicas, retratos de familiares ou serem meras decorações, inseridos nas ramagens, alcançam um esfumado de carnção e volume próprio da pintura e têm paralelos nas mesmas regiões.

O contraste entre o fundo branco do painel do

centro do triclinio, da quadriga e das estações e o fundo negro dos painéis envolventes com o amarelo e os rosas das folhagens, taças, crateras, hastes, flores e gregas, acentua o relevo.

Os bustos das estações do ano, lembrando *emblematae*, apresentam uma composição equilibrada, um desenho elegante, uma execução cuidada e agradável à vista onde falta, no entanto, algum volume.

O ilusionismo racionalista fundado sobre uma transposição científica do espaço tridimensional num plano é gradualmente abandonado em proveito de processos mais simples sem se perder, contudo, a perfeição da técnica no tratamento de figuras e dos objectos isolados. Esta lenta evolução anuncia a arte bizantina e medieval.

Durante o terceiro quartel do século III Francos e Alamanos invadiram parte da Península Ibérica sem chegar no entanto a esta área da Lusitânia. Algumas cidades adoptaram depois novos planos o mesmo acontecendo com as *villae*. A de Rabaçal parece ter sido construída de raiz no século IV. Procurar-se-á decorá-las com um novo luxo, o que

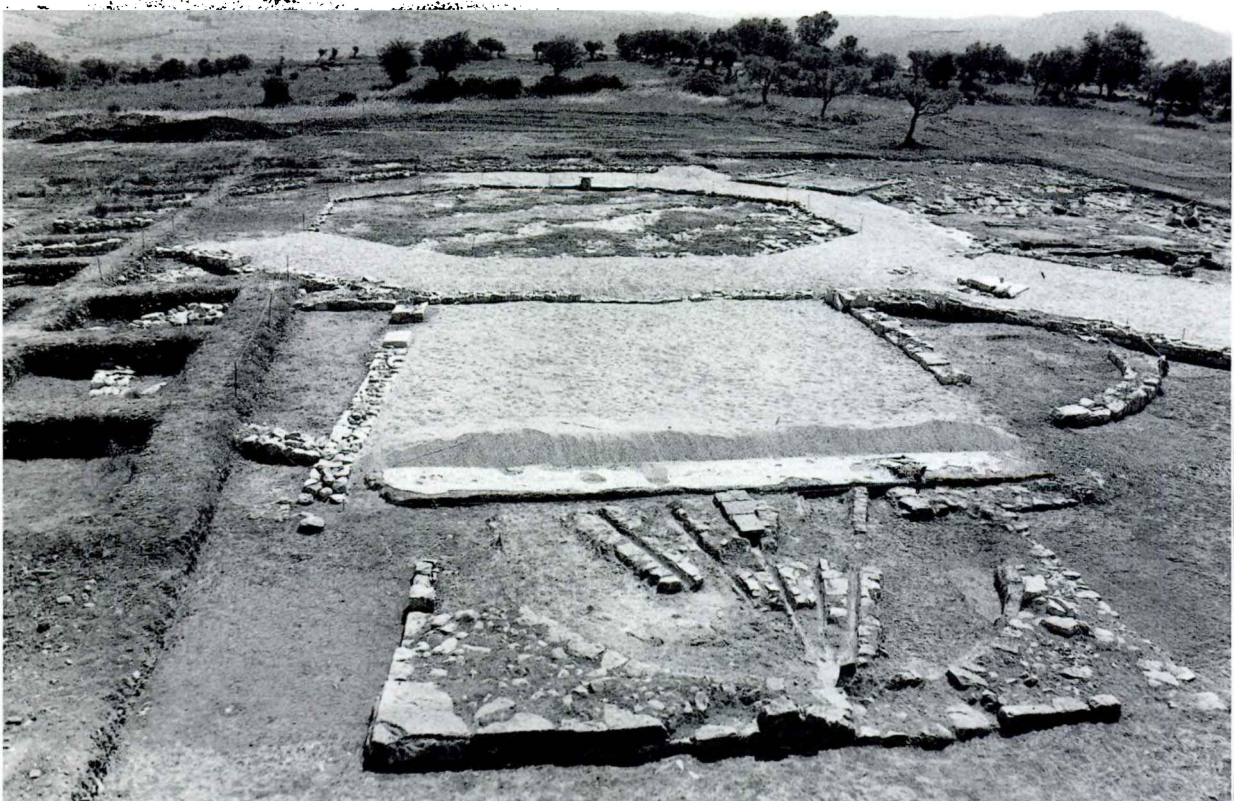


Figura 12. Vista geral de oeste para este. Observa-se em primeiro plano o ninfeu, triclinio absidado e peristilo octogonal.

traduz a riqueza reconstituída ou o desenvolvimento de uma classe de grandes proprietários terratenientes contra quem se levantam, protestando, os deserdados e os colonos reduzidos à servidão.

Com o florescimento económico na época de Constantino dá-se uma grande diversidade de estilos nos motivos de mosaico figurado e geométrico. Daqui que o desenvolvimento e a acumulação de telas e de motivos de enchimento torne difícil a distinção de escolas regionais ou ateliers locais.

Os motivos figurativos dos mosaicos do Rabaçal e mesmo algumas composições geométricas e vegetalistas não têm semelhanças com o que existe em Portugal. No conjunto formam um novo grupo.

A itinerância de artistas, nomeadamente do norte de África, parece ter sido comum mas os contactos com a Itália, Gália, Grécia e Oriente foram também favorecidos pelas ligações do mesmo Mediterrâneo.

Guardará Conimbriga novos mosaicos da mesma época? A única *domus* desta fase aí conhecida (Casa de Cantaber) parece-nos o início do bairro das *domi* ainda não descoberto no plano de reconstrução da cidade do Baixo Império.

As afinidades dos mosaicos do Rabaçal com alguns de Mérida e da sua área de influência (estações do ano, auriga, ramagens e motivos em perspectiva) são reveladores da deslocação de artistas ou do uso dos mesmos albums de desenhos? Qual a variedade de talentos dos pintores mosaicistas solicitados para executar tal ou tal assunto?

Os mosaicos tardo romanos já não pertencem a séries uniformes e procuram-se conjuntos raros e originais.

A arquitectura e mosaicos da *Villa Romana* do Rabaçal atingem um bom nível médio no panorama artístico em geral.

Ontem, como hoje, esta região periférica revelou-se como um privilegiado espaço de encontro de culturas. É essa estratégia de afirmação de identidade na diversidade de contactos que deverá ser estudada na arquitectura, decoração parietal e pavimentos de mosaico comparando trabalhos de diferentes regiões, seus pontos de contacto, frequência de motivos e combinações, reinterpretações de modelos, sentido decorativo e criações originais.

A colecção de numismas desta *villa*, provenientes dum estrato abaixo do solo arável sobre as estruturas com mosaicos, percorrem, à semelhança da *Sigillata* africana, todo o século IV época



Figura 13. Fragmentos da cornija do triclinio. Calcário.

esta em que, dada a inexistência de um centro emissor regular na Península Ibérica, se tornou normal o abastecimento mais próximo nas oficinas de Arles. Este fenómeno é comum aos conjuntos monetários da Península Ibérica e Norte de África. Roma fornece também uma parte de emissão e estão aqui representados outros centros tanto do ocidente (Lugdunum), como de oriente (Siscia e Constantinopla), semelhante a outros conjuntos da Lusitânia.

A circulação de longa duração das emissões monetárias do século IV chegou ao momento das invasões de 409-411 e aos raides suévicos, talvez mesmo depois de 465-468.

A realização da escavação arqueológica sob o assentamento de argamassa dos pavimentos de mosaico da *Villa Romana* do Rabaçal destruídos pelos trabalhos agrícolas modernos possibilitará o confronto de parâmetros cronológicos mais precisos desta *villa* habitada no século IV, época em que o fenómeno rural atinge o seu auge na província da Lusitânia, para logo depois ser abandonada, provavelmente, no século V.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A., 1974. Conímbriga. Histoire d'un site. *Dossiers d'Archeologie*, 4. Paris.
- ALARCÃO, J. DE, 1974. Les monuments romains du Portugal. *Dossiers de l'Archéologie*, 4, Paris.
- ALARCÃO, J. DE, 1980. Os problemas da origem e da sobrevivência das villae romanas no norte do país. *Actas do S.A.N.P.*, 2, Guimarães.
- ALARCÃO, J. DE, 1986. *Arquitectura romana*. História da Arte em Portugal, 1, Lisboa, p. 82-109.
- ALARCÃO, J. DE, 1988. *O Dominio romano em Portugal*. Mem Martins.
- ALARCÃO, J. DE; ETIENNE, R; ALARCÃO, A.M.; PONTE, S. DA,

1979. Trouvailles diverses. Conclusions générales. *Fouilles de Conímbriga*, 7, Paris.
- ALARCÃO, J. DE, et al., 1990. Portugal das origens à romanização. *Nova História de Portugal*, I, Lisboa. pp. 395-409, 482-489.
- ALARCÃO, J. DE; TAVARES, A. A roman marble Quarry in Portugal. *Studia Pompeiana Classica in honor of Wilhemina, F. Iashemski*. II. New York.
- ALMEIDA, F. DE C., 1971. Considerações sobre o mosaico das quatro estações de Conímbriga. A representação do sol. *Actas do 2º Congresso Nacional de Arqueologia*, 2. Coimbra, p. 495-507.
- ARCE, J.; ZOREDA, L.C.; ELVIRA, M.A., 1979. *Valdetorres de Jarama (Madrid). Informe preliminar de las excavaciones arqueológicas*, Madrid.
- BALMELLE, C.; LEMÉE, M.B.; CRISTOPHE, J.; DARMON, J.P.; SORBETS, A.M.G.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H., 1985. *Le décor géométrique de la mosaïque romaine*. Paris.
- BALMELLE, C., 1987. *Recueil général des mosaïques de la Gaule*. X^e supplément a *Galha*. IV Province d'Aquitaine. Paris.
- BANDINELLI, R.B., 1970. *Rome. La fin de l'art antique. L'univers des formes*. Paris.
- BARRAL ALTET, X., 1976. Anthologie de la Mosaïque Iberique. *Dossier de l'Archeologie*, 15, Paris.
- BLANCHARD, M.; CRISTOPHE, J.; DARMON, J.P.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H., 1973. *Répertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque antique*. Paris.
- BLANCHARD, M., 1978. Les grandes mosaïques de l'Algérie Ancienne. Numéidie et Mauretanie Cesarienne. *Dossiers de l'Archéologie*, 31.
- BLÁZQUEZ, J.M.; LÓPEZ MONTEAGUDO, G.; NEIRA JIMÉNEZ, M.L.; SAN NICOLÁS PEDRAZ, M.P., 1986. La mitología en los mosaicos hispano-romanos. *Archivo Español de Arqueología*. Vol. 59, nº 153-154. p. 131-133.
- CARRASCO, M.; ELVIRA, M.A., 1994. *Marfiles coptos en Valdetorres de Jarama (Madrid)*, A. Esp. A., p. 201-208.
- CARRO, M.T., 1990. Los mosaicos de la Meseta Norte. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, 56.
- CASTRO, M^a. C. F., 1982. *Villas Romanas en España*. Madrid.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, E.; CORRALES, J.M^a. F., 1981. Un ejemplo de relación campo ciudad. La distribución espacial de los mosaicos romanos en Lusitania. *Norba*, 2, Cáceres.
- CLAVEL-LEVÉQUE, M., 1980. Les jeux romains. *Dossiers de l'archéologie*, 45. p. 51-62.
- CREMA, L., 1959. *L'Architettura Romana. Enciclopedia clásica*. Vol. XII. Archeologia (Arte Romana). Torino.
- CHDAREMBERG, EDM. SAGLIO, M.M.; EDM POTTIER, 1904. *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, Paris.
- DARMON, J.P.; LAVAGNE, H., 1977. *Récueil Général des Mosaïques de la Gaule, II Lyonnaise*, 3. Paris.
- DOUGUÉDROIT, M^a. C.M. DE SA, 1964. Os mosaicos do Arneiro (Arnal). *O Arqueólogo Português*. Nova Série. V. p. 459-468.
- DUNBABIN, K.M.D., 1978. *The Mosaics of Roman North Africa. Studies in Iconography and Patronage*. Oxford.
- DUNBABIN, K.M.D., 1982. The victorious charioteer on Mosaics and Related Monuments. *AJA*, 86, 1. p. 65-89.
- ENNAIFER, M., 1973. *La civilisation tunisienne à travers la mosaïque*. Société Tunisienne de Diffusion. Tunis.
- ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, J.; MAYET, F., 1989. *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Académie des Inscriptions et Belles-Lettres. Paris.
- FANTAR, M., 1978. Les pavements puniques, aux origines de la mosaïque africaine. *Dossier de l'Archéologie*, 31.
- FERGUSON, J., 1973. *A herança do helenismo*, Lisboa.
- FRENDI, M., 1965. Evolution chronologique et stylistique d'un ensemble des mosaïques dans une station thermale a Djebel Oust (Tunisie). *La mosaïque Greco-Romaine*, Paris.
- GERMAIN, S., 1971. Mosaïque italienne et mosaïque africaine: filiation et opposition. *Antiquités Africaines*, t. 5, p. 155-159.
- GERMAIN, S., 1978. Timgad, une école originale de mosaïque, *Dossier de l'Archéologie*, 31.
- GHISLANZONI, E., 1962. *La villa romana in Dezenzano*, Milano.
- GORGES, J.G., 1979. *Les villas hispano romaines*. Paris.
- GORGES, J.G., 1986. À propos d'une représentation de Villa sur une mosaïque de Tolède (Espagne). *Conímbriga*, 25, p. 175-192.
- LANCHA, J., 1982. Florilège viennois. *Mosaïque-Récueil d'hommages à Henri Stern*, Paris, p. 245-251.
- LANCHA, J., 1984. *Les mosaïstes dans la vie économique de la Péninsule Ibérique du I^{er} ou IV^e s. État de la question et quelques hypothèses*. Melanges de la Casa Velasquez. Tome 20. Paris.
- LANCHA, J., 1985. Cinq fragments de la mosaïque des provinces (Balquís-Séléncie sur l'Euphrates) conservés au Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 3, p. 155-176.
- LANCHA, J., 1987. L'iconographie du dieu «Sol» dans la Péninsule Ibérique, *Museos*, 2. Madrid.
- LANCHA, J.; ARRAIZA, A.B., 1988. Les mosaïques de la villa romaine de Cardenagimeno (Burgos). *Archivo Español de Arqueología*, núms. 157-158, p. 305-324.
- LANCHA, J., 1990. Villa romanas tardías en España. Sus propietarios, sus mosaicos y sus mosaïstes. *Información cultural*, 78, p. 18-27.
- LANCHA, J., 1992. Mosaïque et culture dans l'Occident romain (I^{er}-V^e siècles). *L'information Historique*, 54, nº. 3. p. 89 a 95.
- LAROCHE, C.; SAVAY-GUERRAZ, H., 1984. *Saint Romain en Gal. Un quartier de Vienne antique sur la rive droite du Rhône*. Saint Romain en Gal.
- LAVEDAN, P., 1931. *Dictionnaire illustré de la mythologie et des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris.
- MANTAS, Vasco Gil, 1985. Dos novos miliarios do território de Conímbriga, *Biblos*, 61 (Coimbra).
- MAÑANES, T.; GUTIÉRREZ, M.A.; AGUNDEZ, C., 1987. *El mosaico de la villa romana de Santa Cruz (Cabezón de Pisuerga, Valladolid)*. Monografías de temas Artísticos Vallisoletanos, 3. Valladolid.
- MARTÍN, F.M.; PORTOLÉS, J.L.A.; AZCONA, M^a. C. L. DE, 1986. *Los mosaicos geométricos: una nueva tecnología para su estudio*. Archivo Nacional de Arqueologia. Vol. 59 nº. 153-154.
- MARTÍNEZ, J.M^a. A., 1990. *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos Hallazgos*. Monografías Emeritenses, 4, p. 53-91.
- MINGARRO, F. et al., 1986. *La villa romana de campo de Villavidel (León)*. Arqueologia, simetria, color y petrografia de los mosaicos, Madrid.
- OLEIRO, J.M.B., 1965. Mosaïques Romaines du Portugal. *La Mosaïque Gréco-Romaine*. II, Paris, p. 257-264.
- OLEIRO, J.M.B., 1977. Mosaicos de Conímbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conímbriga*, 12. p. 67-158.
- OLEIRO, J.M.B., 1986. *Mosaico romano*, História da Arte em Portugal, I, Lisboa, p. 111-127.
- OUET, M.H., 1980. La mosaïque cosmologique de Mérida. Propositions de Lecture. *Conímbriga*, 19. p. 5-127.

- PALOL, P. DE; WATTENBERG, F., 1974. Almenara de Adaja, Becilla de Valderaduey. *Carta Arqueológica de España*, Valladolid. p. 63-70.
- PESSOA, MIGUEL; PONTE, SALETE, 1984. Sondagens no Rabaçal. *Arqueologia*, 10 (Porto).
- PESSOA, MIGUEL; PEREIRA, ISABEL, 1991. *Villa Romana do Rabaçal: As Moedas*, Coimbra.
- PICARD, G.CH., 1978. L'age d'Or de la Mosaïque Romaine en Afrique du Nord. *Dossiers de l'Archéologie*, 31.
- PIJOAN, J., 1981. A idade de ouro da arte bizantina. *História Mundial da Arte*, 3, Lisboa, p. 65-86.
- PIJOAN, J., 1981. *Arte paleocristã da Síria e da Palestina. Arte copta*. História Mundial de Arte, 2. Lisboa, p. 43-58.
- PUERTA, C.; ELVIRA, M.A.; ARTIGAS, T., 1994. *La colección de esculturas hallada en Valdetorres de Jarama*, A. Esp. A., p. 179 a 200.
- RESENDE, T.K., 1989. O mosaico com motivos báquicos de Torre de Palma: tentativa de interpretação. *Conímbriga*, 28. p. 205-221.
- ROMANELLI, P., *Topografia e archeologia dell'Africa romana*. *Enciclopedia Clássica*, s. III, Vol. X. Tomo VII. Torino, s.d.
- SALOMONSON, J.W., 1965. *La mosaïque aux chevaux de l'antiquarium de Carthage*. La Haye.
- SCHMIDT, J., 1965. *Dictionnaire de la Mythologie grecque et romaine*. Larousse, Paris.
- SOUZA, V. DE, 1986. *Escultura romana. História da Arte em Portugal*, 1, Lisboa. p. 129-147.
- STERN, H., 1967. *Récueil Général des Mosaïques de la Gaule, II. Lyonnaise*, 1. Paris.
- STERN, H.; BLANCHARD-LEMÉE, M., 1975. *Recueil Général des Mosaïques de la Gaule, II Lyonnaise*, 2. Paris.
- UPIJHM, E.M.; WINGERT, P.S.; MAHLER, J.G., 1977. *A arte dos Etruscos do fim da Idade Média*. História mundial da arte, 2. Amadora.
- WATTENBERG, F., 1962. El mosaico de Diana de la Villa de Prado (Valladolid). *Boletim del Seminario de Estudios de Arte e Arqueologia*, T. XXVIII, Valladolid, p. 35-48.
- WATTENBERG, F., 1964. Los mosaicos de la villa de Prado. *Boletín del Seminario de Estudios de arte y arqueología*. T. XXX. Valladolid, p. 115-127.
- WILSON, R.J.A., 1982. Roman mosaics in Sicily: the African Connection. *American Journal of Archaeology*, Vol. 86, nº. 3.